



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA**

ANTÔNIA JOCLÉCIA DA SILVA GOMES

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: UMA ABORDAGEM ANALÍTICA DO LIVRO
DIDÁTICO DO 1º ANO DO ENSINO MÉDIO**

CAJAZEIRAS - PB

2017

ANTÔNIA JOCLÉCIA DA SILVA GOMES

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: UMA ABORDAGEM ANALÍTICA DO LIVRO
DIDÁTICO DO 1º ANO DO ENSINO MÉDIO**

**Monografia apresentada ao Curso de
Letras – Licenciatura em Língua
Portuguesa da Unidade Acadêmica de
Letras do Centro de Formação de
Professores da Universidade Federal de
Campina Grande.**

**Orientador: Prof. Esp. Abdoral Inácio da
Silva**

CAJAZEIRAS - PB

2017

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764
Cajazeiras - Paraíba

G633v Gomes, Antônia Joclécia da Silva.

Varição Linguística: uma abordagem analítica do livro didático do 1º ano do ensino médio / Antônia Joclécia da Silva Gomes. - Cajazeiras, 2017.

34f.: il.

Bibliografia.

Orientador: Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva.

Monografia (Licenciatura em Letras-Língua Portuguesa) UFCG/CFP, 2017.

1. Variação linguística. 2. Linguística. 3. Livro didático - variação linguística. I. Silva, Abdoral Inácio da. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU - 81'27

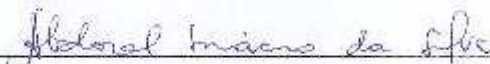
ANTONIA JOCLÉCIA DA SILVA GOMES

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: UMA ABORDAGEM ANALÍTICA DO LIVRO
DIDÁTICO DO 1º ANO DO ENSINO MÉDIO

Monografia apresentada ao Curso de
Letras – Licenciatura em Língua
Portuguesa da Unidade Acadêmica de
Letras do Centro de Formação de
Professores da Universidade Federal
de Campina Grande.

Aprovado em: 13/03/2017

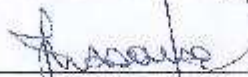
BANCA EXAMINADORA



Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva (Orientador)
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)



Prof.ª Dr.ª Hérica Paiva Pereira (Membro)
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)



Prof. Dr. José Wanderley Alves de Sousa (Membro)
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

**Dedico este trabalho à minha vó Helena,
por sempre acreditar na minha capacidade,
me incentivar e inspirar.**

AGRADECIMENTOS

A Deus, pois nada sem ele é provável de acontecer, pela dádiva da vida e pelo seu infinito amor.

A minha mãe e a minha vó Helena, pois sem o apoio e a confiança das duas, nada seria possível. Pela grande sorte que tenho em tê-las comigo, a minha mais sincera gratidão por todo e tanto amor.

As minhas irmãs Joelma e Jéssica, pelo companheirismo, a minha sobrinha Lara, por ter trago mais sentido as nossas vidas e as minhas tias Fátima, Eliane e Luzia pelo carinho e cuidado de toda uma vida.

As minhas amigas (os) queridas (os), pois certamente a vida sem elas (eles) não seria a mesma, pela sorte do nosso encontro feliz, e por ter com quem compartilhar a vida, e assim dobrar a dose da felicidade e das alegrias.

As minhas colegas tão especiais e que serão eternamente lembradas (o) por toda a minha vida, Janice, Talita, Geraldo, e Aninha, pela história de alegrias e companheirismo que construímos juntos e que logo, logo serão saudade, assim como toda turma que caminhou comigo nessa jornada, para sempre guardarei as lembranças dos nossos dias felizes.

Ao meu orientador Abdoral, por ter passado ensinamentos tão preciosos como o respeito e atenção ao próximo, inspirando-me com seu caráter e exemplo de profissional focado e apaixonado pela profissão, pelo exemplo de ser humano que passa ao seus alunos, além de toda competência acadêmica que gentilmente foi repassado.

A professora Hérica e ao professor Wanderley, pela gentileza de comporem a banca examinadora e por toda contribuição na minha formação acadêmica, assim como todo corpo docente que contribuiu para minha construção profissional.

*“O tempo altera todas as coisas; não há razão
para que a língua escape a esta lei universal.”
(Ferdinand de Saussure)*

RESUMO

A linguagem sempre foi alvo de constantes mudanças, modificações essas que se comprovam se comparadas com as transformações que ocorreram desde seu surgimento até a atualidade. A variação linguística é uma realidade que precisa ser alvo de estudo nas escolas, pois é um fato social típico da humanidade. Para que aja um intermédio entre conteúdo e sociedade os livros didáticos são os suportes no qual se intercalam o contexto e o ensino. Nessa direção esse estudo tem por objetivo analisar a variação linguística no livro didático (LD) do 1º ano do ensino médio. Verificamos que o livro adotado aborda a variação linguística, e discorremos como o assunto é trabalhado no decorrer do livro escolhido. Selecionamos o LD do primeiro 1º ano do ensino médio *Português e linguagens 1* de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães. Tivemos como suporte bibliográfico as obras de Marcos Bagno, Alberto Faraco, Mário Perini, Helena Neves e Barbara Weedwood. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica de natureza qualitativa. Para tanto, com base na investigação, chegamos ao resultado que é satisfatória o tratamento sobre a variação linguística no livro em seus aspectos contextuais e conceituais, entretanto, identificamos uma limitação nas propostas de atividades, o que não consideramos um fator prejudicial, na medida que as atividades expostas, sugerem propostas que visam a efetiva inclusão do aluno em contextos sociais de usos da língua.

Palavras-chave: Livro didático. Linguística. Variação linguística.

ABSTRACT

Language has always been the subject of constant changes, which are proven to be comparable to the transformations that have occurred since its inception to the present day. Linguistic variation is a reality that needs to be studied in schools because it is a social fact typical of humanity. In order to act as an intermediary between content and society, textbooks are the media in which context and teaching are interwoven. In this direction, this study aims to analyze the linguistic variation in the textbook (LD) of the 1st year of high school. We have verified that the adopted book addresses linguistic variation, and we discuss how the subject is worked on during the chosen book. We selected the LD of the first year of high school Portuguese and languages 1 of William Roberto Cereja and Thereza Cochar Magalhães. We have as bibliographical support the works of Marcos Bagno, Alberto Faraco, Mário Perini, Helena Neves and Barbara Weedwood. This is a bibliographical research of a qualitative nature. Therefore, on the basis of the research, we arrive at the result that is satisfactory the treatment on the linguistic variation in the book in its contextual and conceptual aspects, however, we identified a limitation in the proposals of activities, which we do not consider a harmful factor, to the extent that the activities exposed, suggest proposals that aim at the effective inclusion of students in social contexts of language use.

Keywords: Textbook. Linguistics. Linguistics Variation.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Capa do Livro Didático.....	22
Figura 2 - Construindo o conceito.....	23
Figura 3 - Linguagem verbal e não verbal.....	24
Figura 4 - Variação linguística.....	25
Figura 5 - Variedades linguísticas: padrão e não padrão.....	26
Figura 6 - Dialetos e registros.....	27
Figura 7 - Atividade 1.....	28
Figura 8 - Atividade 2.....	29

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 BREVE HISTÓRICO DA LINGUÍSTICA: PERCURSO	12
2.1 A LINGUÍSTICA E SEU RECONHECIMENTO COMO CIÊNCIA.....	14
3 LINGUÍSTICA CONTEMPORÂNEA E AS VARIAÇÕES SOCIOCULTURAIS	17
3.1 A VARIEDADE PRESTIGIADA E OS APONTAMENTOS DOS PCN.....	19
4 ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
REFERÊNCIAS	33

1 INTRODUÇÃO

Ao longo do tempo, a humanidade passou por incontestáveis mudanças, de modo que, a maneira que falamos hoje, não é da mesma forma que falavam os filósofos na antiguidade clássica como Platão e Aristóteles por exemplo. Se analisarmos um pouco ao nosso redor podemos perceber modificações em todo lugar, isso porque desde do começo dos tempos, até os dias de hoje, as transformações fazem parte da condição humana e da realidade do nosso dia a dia.

Entre tantas modificações diferentes que ocorreram, a linguagem foi uma das que mais passou por mudanças ao longo do tempo, e certamente está sujeita a futuras modificações, pois a língua encontra-se em um contínuo movimento. A maneira que falamos hoje, é resultado desse processo de mudança da língua. Segundo Faraco (2005) o português do século XIII era diferente do português de hoje e essa diferença será percebida no português do futuro, pois o que não difere entre elas é o ininterrupto processo de mudança recorrente da língua.

Com o tempo as mutações vão acontecendo paulatinamente, muitas vezes nem as notamos, isso porque os falantes normalmente não tem consciência de que sua língua está em movimento, como aponta Faraco (2005) parece que, como falantes, estabelecemos uma ideia que a língua é permanente e incapaz de sofrer alterações de mudanças. Porém, apesar dessa falta de percepção da transmutação da língua, em algumas ocasiões é possível identificá-las ao nosso redor. Como aponta Faraco a seguir:

Há, porém, situações em que os falantes acabam por perceber a existência de mudanças. Isso ocorre quando, por exemplo, os falantes são expostos a textos muito antigos escritos em sua língua; ou convivem mais de perto com falantes bem mais jovens ou bem mais velhos; ou interagem com falantes de classes sociais que tem estado excluídas da experiência escolar e de cultura escrita, ou que tem pouco acesso a ambas; ou ainda quando escrevem e encontram dificuldades para se adequar a certas estruturas do modelo de língua cultivado socialmente na escrita. (FARACO, 2005, p. 15).

Ou seja, a linguagem flexível como é, passa por uma constante mutação, evolui e desenvolve-se junto com seus falantes, a todo momento e imperceptivelmente, podemos não notar, entretanto ela está ali, acontecendo a todo instante e nas mais variadas situações como destaca Bagno (2001, p. 157) “[...] enquanto houver gente falando uma determinada língua, ela sofrera variação, modificações, transformações, mudanças.”

A linguística é a ciência que estuda a linguagem e a capacidade humana de se comunicar de forma falada e escrita. Weedwood (2002, p. 9, grifo do autora), afirma: “A palavra *linguística* começou a ser usada em meados do século XIX para enfatizar a diferença entre uma abordagem mais inovadora do estudo da língua, que estava se desenvolvendo na época, e a abordagem mais tradicional da filologia”. A linguística como ciência busca estudar a língua como realmente é usada pela seus falantes e não como deveria ser, segundo os modelos prontos das gramáticas normativas, consideradas por muito tempo como modelo padrão a ser seguido.

Os livros didáticos são guias para os educadores no processo de transmissão de conteúdo e na maioria das vezes são eles que direcionam os professores no ensino em sala de aula. Desse modo é importantíssimo que o manual didático passe por processos de estudo e descrição para que se possa reconhecer nos conteúdos abordados, as contribuições referentes ao ensino aprendizagem.

Reconhecendo a língua como variável e flexível como é, e seu processo de mudanças, propícias às variações reconhecemos a relevância de analisar como as variações linguísticas são abordados no livro didático, mais precisamente no manual didático do 1º ano do ensino médio. Nessa linha de pesquisa, é que se direciona nosso estudo.

Nesse contexto, este trabalho tem por objetivo geral analisar a maneira que o livro didático *Português e linguagens 1* do 1º ano do ensino médio, aborda a questão da variação linguística e de forma específica identificar nessa abordagem, a forma que o livro retrata o tema, se aborda as questões que desencadeiam as variações sociais de maneira ampla e contextualizada.

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, qualitativa com contribuições direcionais de livros teóricos. Tivemos como suporte bibliográfico as obras de Marcos Bagno, Alberto Faraco, Mário Perini, Helena Neves e Barbara Weedwood. A estruturação da pesquisa divide-se em três capítulos. O primeiro capítulo, *História introdutória da linguística: percurso*, faz introdução a história da língua nos tempos arcaicos, nos seus primeiros surgimentos como língua. O segundo capítulo, *Linguística contemporânea: variações socioculturais*, retrata a diversidade da variação linguística nos dias atuais e o terceiro capítulo, *Análise do livro didático*, trata-se da análise do manual didático sobre a retratação da variação linguística que contém o processo de análise, e por consequência observações que resultaram da nossa pesquisa.

2 BREVE HISTÓRICO DA LINGUÍSTICA: PERCURSO

A história da linguística pode ser dividida basicamente em três fases iniciais, a fase filosófica, quando a gramática era introduzida pelos filósofos, a descoberta da filologia, recurso que desencadeou os estudos a partir dos textos arcaicos e o método comparativo, que buscava reconhecer o parentesco existente entre as línguas.

Os primeiros estudos da linguagem que se tem conhecimento, foram introduzidos pelos gramáticos hindus no I milênio a.C. com intuito de preservar os textos sagrados para que não sofressem alterações. O Sânscrito era considerado uma língua sagrada e, por essa razão, não podia sofrer a menor alteração de pronúncia ao ser usada nos rituais religiosos.

O mais conhecido dos gramáticos hindus é Panini, que viveu no século V ou IV a.C. Os primeiros estudos dos hindus fundaram a primeira gramática, voltada para a preservação da língua que buscava conservar intactamente a descrição das formas dos poemas e textos sagrados, pois assim a pronúncia dos sons se manteriam intactos e “perfeitos”. Os indianos preocupavam-se que o Sânscrito preservasse a pureza da língua, atitude que caracteriza a gramática de Panini e também dos restantes gramáticos hindus. Como nos mostra Perini no texto a seguir:

Uma coisa interessante é que a motivação inicial para o desenvolvimento da gramática entre os indianos foi a mesma que entre os gregos: a necessidade de se manter a forma original dos poemas sagrados – no caso, os Vedas, o Mahabharata etc. eles recitados ritualmente, e a pronúncia precisava ser perfeita, tal como no dia em que foram compostos, sob pena de irritar os deuses, o que podia acarretar consequências horríveis. (PERINI, 2004, p. 158).

Os estudos da linguagem atribuídas aos gregos, iniciou-se na antiguidade clássica na cidade de Atenas, pelo filósofo Platão, o primeiro pensador europeu a refletir sobre os problemas da linguagem. Para os gregos a linguagem estava diretamente ligada a filosofia. Assim, a gramática estabelecida por eles era um veículo do pensamento e estava desprovida de qualquer visão científica, miravam unicamente a formular regras para distinguir as formas corretas das incorretas, para eles a língua tinha um caráter formal e rígido com características de uma disciplina normativa.

Platão, em um de seus diálogos no livro Crátilo, tratando de questões linguísticas aborda concepções diferentes de três filósofos sobre a linguagem. Segundo Weedwood (2002), Crátilo ressalta que a língua espelha exatamente o mundo, Hermógenes defende que a língua é arbitrária e Sócrates representa a instância intermediária da percepção de Crátilo e

Hermógenes. Em suas abordagens os filósofos buscavam atribuir concepções científicas sobre a linguagem. A gramática abordava muitas concepções de filósofos. Perini (2004, p. 150), assim retrata “O que levou os gregos ao estudo da gramática foi, inicialmente, a necessidade de preservar, entender e comentar o texto dos poemas de Homero (a *Ilíada* e a *Odisseia*).”

Aristóteles, discípulo de Platão, conceituou os substantivos, verbos e as conjunções, para ele, essas três palavras tinham capacidade de designar todas as outras palavras, conceito que demonstra como a linguagem para eles era derivada do pensamento, os substantivos, verbos e conjunções eram conceitos vinculados dos pensamentos por isso com significados iguais. Segundo Perini:

Tanto Platão quanto Aristóteles se preocuparam com questões da linguagem, mas seu ponto de vista sempre foi muito estritamente filosófico. A linguagem, para eles, era um veículo do pensamento (o que certamente ela é), e só isso. Mas a linguagem não é apenas um veículo do pensamento – ela tem uma estrutura, uma organização interna, a que chamamos “gramática”, e disso Platão e Aristóteles trataram muito de passagem[...] (PERINI, 2004, p. 149).

Na Grécia, os estoicos apontavam seus estudos para o uso mais concreto da língua, desenvolvendo várias teorias como a distinção entre o significante e o significado, abordaram a questão da fonética e várias outras teorias. Os estoicos mais antigos distinguiram os substantivos, verbos, conjunções e o artigo como as quatro partes que constituíam o discurso, os estoicos mais novos distinguiram cinco: substantivos comuns e substantivos próprios e classificavam o adjetivo com o substantivos, os verbos, caracterizaram em perfeito e imperfeito, com voz ativa e voz passiva e em transitivos e intransitivos.

No final do século II a.C. foi “publicada” a gramática de Dionísio Trácio onde somente cinco capítulos são de Dionísio, nela estava presente as quatro partes do discurso dos estoicos, o adverbio, o particípio, o pronome e a preposição.

Outro acontecimento que marcou a história inicial da linguagem, foi o surgimento da filologia. Nascida na Alexandria esse estudo baseava-se nas análises de textos mais antigos com o intuito de preservar a sua forma original, basicamente esses textos se referiam aos textos considerados sagrados para os hindus. Como se refere Faraco:

São exemplos disso os trabalhos dos sábios hindus que, desde pelo menos o século IV a.C., procuravam fixar seus textos religiosos; os estudos que os alexandrinos, por volta do século II a.C., fizeram dos textos dos poetas gregos antigos o esforço dos comentadores árabe, na Idade Média, para fixar o texto do Corão. (FARACO, 2005, p. 131).

A filologia contou com as contribuições de Friedrich Schlegel, basicamente com a publicação do seu livro “Sobre a língua e a sabedoria dos hindus” considerado ponto de partida dos estudos comparatistas. Apesar do seu forte interesse por essa preservação dos textos clássicos, um sucinto espaço deu abertura para a comparação de textos de épocas diferentes. Essa abertura, ainda que gradual era um sinal que algo estava se movimentando e dando um passo à frente. Surgia aí, os primeiros indícios do que logo mais viria a ser chamado, método comparativo.

2.1 A LINGUÍSTICA E SEU RECONHECIMENTO COMO CIÊNCIA

A Linguística como ciência, surgiu em meados do século XIX no ano de 1950, Ferdinand Saussure, conhecido como o pai da linguística moderna foi o autor que mais se destacou nessa época, exatamente por dele partir as contribuições iniciais da linguagem verbal humana, a capacidade que o ser humano possui para se comunicar por meio da língua.

O desencadeador do desenvolvimento do método comparativo, foi a descoberta de que o sânscrito, língua dos livros sagrados, já não era desenvolvida e falada pelos povos como antes, identificaram que ela só existia nas escrituras e que esses escritos tinham características comuns com outras línguas, como por exemplo o grego e o latim. Como cita Faraco:

Estava criado, assim, o *método comparativo*, procedimento central nos estudos de linguística histórica. É por meio dele que se estabelece o parentesco entre as línguas. O pressuposto de base é que entre elementos de línguas aparentadas existem correspondências sistemáticas (e não apenas aleatórias ou casuais) em termos de estrutura gramatical, correspondências estas passíveis de serem estabelecidas por meio duma cuidadosa comparação. Com isso, podemos não só explicitar o parentesco entre línguas (isto é, dizer se uma língua pertence ou não a uma determinada família), como também determinar, por interferência, características da língua ascendente comum de um certo conjunto de línguas. (FARACO, 2005, p. 134, grifo do autor).

Tais semelhanças entre o grego e o latim, se davam por meio da relação entre os sons, similaridades que na década de 1878, foi aprofundada pelos neogramáticos, esses estudiosos mostraram que as mudanças nos sistemas fonéticos estavam sujeitas a intervenções de leis fonéticas regulares.

Foi, de certa forma, um divisor de águas na linguística histórica: de um lado, pela crítica aos antecessores, da qual resultou um maior rigor em certos procedimentos metodológicos; de outro, pela direção que acabou imprimindo à linguística histórica a partir daí, a qual ou segue, nos fundamentos, a trilha dos neogramáticos, ou polemiza com ela. (FARACO, 2005, p. 139).

A linguagem como vimos acima, passou por um processo de desenvolvimento desde os primeiros estudos que se tem registro com os hindus, até o seu reconhecimento como ciência voltada para os estudos da língua no aspecto comunicacional.

Um dos meios importantes que caracterizaram os estudos da linguística no século XIX, foi o desenvolvimento do método comparativo que buscou identificar o parentesco entre as línguas, e assim, identificar semelhanças comuns entre elas, as línguas poderiam ser sistematicamente comparadas quanto a estrutura gramatical, aspectos fonéticos e vocábulos de modo a evidenciar algum parentesco. Apesar das divergências que existiam entre as línguas, semelhanças também eram comuns a elas, essas afinidades eram chamadas de famílias, o que caracterizava a aproximação das línguas. Como sintetiza Perini (2004, p. 148) “[...] foi preciso esperar algumas centenas de séculos até que uma pessoa encarasse a língua do estranho não como uma prova de inferioridade, mas como objeto de interesse e de estudo.”

Um dos métodos mais conhecidos na linguística histórica foi o método desenvolvido por Grimm, esse método buscava reconstruir uma língua mais antiga para compará-la com outras línguas e assim, identificar o parentesco entre elas. Segundo Faraco (2005, p. 135) “[...] Grimm interpretou a existência de correspondências fonéticas sistemáticas entre as línguas como resultado de mutações no tempo”.

O século XX assim como o século XIX, trouxe grandes avanços para a linguística contemporânea, a língua será vista no seu uso, como uma atividade social surgindo assim o estruturalismo termo usado para designar variadas escolas de pensamentos linguísticos que se dedicavam ao estudo da língua na sua estrutura, voltada para a organização e com a ideia de sistema. Na Europa a linguística estrutural começa em 1916, com a sobressaída dos estudos de Ferdinand Saussure, que desenvolveu várias teorias como a sincronia e diacronia, língua e fala, significante e significado, sintagma e paradigma. A linguística estrutural nos Estados Unidos, carrega características próximas a do estruturalismo na Europa, ambos buscavam enfatizar que a língua não acontece individualmente, mas interligados.

Em 1957 Noam Chomsky, desenvolve a gramática gerativa, estudo contrário ao estruturalismo e ao behaviorismo, o gerativismo, tinha a intenção de ressaltar a competência linguística do falante, mostrando que os aspectos sintáticos das frases eram inadequadas, pois

não consideravam o “profundo”, ou seja as construções linguísticas próprias da forma que falamos e o “superficial”, representação daquilo que produzimos ao falarmos, essas inadequações se davam pelo fato de não ser considerado a criatividade que os seres humanos tem, fato que difere o homem dos demais animais. Suas teorias o tornou um dos pensadores mais importantes da história.

Todas essas contribuições caracterizaram o século XX como o século conhecido pela “guinada pragmática” uma virada na maneira de considerar a língua. A pragmática voltou-se aos estudos dos fatores da língua no seu contexto social, ao uso interacional que fazemos dela. Segundo Weedwood:

A pragmática estuda os fatores que regem nossas escolhas linguísticas na interação social e os efeitos de nossas escolhas sobre as outras pessoas. Na teoria, podemos dizer qualquer coisa que quisermos. Na prática, seguimos um grande número de regras sociais (a maioria delas inconscientemente) que constroem nosso modo de falar. (WEEDWOOD, 2002, p. 144).

A semântica, a estilística, a sociolinguística, assim como a psicolinguística e a análise da conversação são áreas que direcionou os estudos da pragmática, considerando fatores como a escolha que fazemos da língua, em diversas situações interacionais.

3 LINGUÍSTICA CONTEMPORÂNEA E AS VARIAÇÕES SOCIOCULTURAIS

As variações socioculturais têm a ver com as variações sociais e culturais que ocorrem na sociedade, considerando a diversidade de características próprias de cada uma, pois cada variação que ocorre traz consigo peculiaridades que lhe são próprias. No capítulo anterior reconhecemos as variações históricas que ocorreram na língua, nos tempos arcaicos em que a língua era considerada uma forma pronta com finalidade de preservar os escritos sagrados. Depois acompanhamos uma modificação bastante significativa que ocorreu com o surgimento da linguística como ciência, reconhecendo a língua no aspecto interacional, e agora, partiremos para o reconhecimento da língua na suas variações socioculturais, pois a língua segue um fluxo atemporal e adapta-se as mudanças na qual passa seus falantes, é o que nos mostra Bagno a seguir ao discorrer a sobre a heterogeneidade da língua. De acordo com Bagno:

O fato é, como a ciência linguística moderna já provou e comprovou, não existe nenhuma língua no mundo que seja “una”, uniforme e homogênea. O monolínguíssimo é uma ficção. Toda e qualquer língua humana viva é, intrinsecamente e inevitavelmente, heterogênea, ou seja, apresenta variação em todos os seus níveis estruturais (fonologia, morfologia, sintaxe, léxico etc.) e em todos os seus níveis de uso social (variação regional, social, etária, estatística etc.). (BAGNO, 2009, p. 27).

Ou seja a língua é viva e modifica-se a todo momento na medida que mudam os seus falantes, pois inseridos em variadas situações sociais, desencadeiam mudanças que só ocorrem porque os falantes também mudam, portanto, não tem como não haver mudanças na língua se a todo momento seus falantes estão inseridos em um contexto social de mudança.

A variação regional é outro tipo de mudança que proporciona transformações na língua. Aqui o dialeto é a linguagem própria usada pelos falantes em diferentes regiões, que desenvolvem características particulares de cada lugar, essa mudança é típica da variação linguística. Vejamos, temos uma língua comum por todos os falantes do país, porém cada região desenvolve um jeito próprio de usar essa língua, essa especificidade estar totalmente ligada a cultura de cada lugar. É inegável as diferenças existentes na fala de falantes da região sul com pessoas da região nordeste por exemplo, isso porque cada qual desenvolveram características que são próprias de cada regionalidade e isso é absolutamente normal, pois a língua dá abertura para essa fluidez. No entanto as variações regionais são alvos de exclusão pois ainda nos dias de hoje muitas pessoas consideram que determinadas regiões do país falam melhor do que outras regiões, como se uma fosse melhor do que a outra.

Outro tipo de modificação é variação social que está associada a algumas características próprias, como faixa etária, classe econômica e grau de escolaridade. A faixa etária é um desencadeador bastante considerável nesse processo de mudança decorrente da língua, os jovens por exemplo, a todo momento fazem surgir novas palavras, a gíria é um exemplo dessa alteração, principalmente com o surgimento da tecnologia que os sujeitam ao contato com diferentes situações de comunicação ao todo momento, no entanto essa variação também é alvo de preconceito, a maneira que os jovens falam são tidas muitas vezes como formas marginalizadas de expressão como se essa maneira de falar subjugasse essas pessoas a serem consideradas inferiores.

A linguagem dos idosos é uma marca nítida da mudança atribuída a diferença ocorrida do tempo, a linguagem dos jovens e a linguagem dos idosos são palavrados opostos e que muitas vezes causam estranheza linguística. Essa diferença é uma prova real do processo de mudança que passa a língua e seus falantes.

O grau de escolaridade do falante é outro fator que determina a mudança linguística social. Pessoas mais escolarizadas tendem a fazer mais uso da norma padrão da língua e possuem um léxico maior de palavras, contrária aos falantes menos escolarizados ou analfabetos que fazem uso da norma não padrão da língua e tem um léxico menor de palavras, essas diferenças muitas vezes desencadeiam um preconceito social ligado diretamente à maneira linguística do falante. Segundo Bagno:

Quando se trata dos falantes pouco escolarizados ou totalmente analfabetos, o abismo entre a norma-padrão e a língua realmente falada fica ainda maior é por isso que costumo dizer que no Brasil se desenrola um verdadeiro *drama linguístico*. Embora se diga que aqui “todo mundo fala português”, existem portugueses que valem mais do que outros...[...]. (BAGNO, 2001, p. 163, grifo do autor).

O autor Bagno pontua que ainda é muito forte a discriminação com pessoas de baixa escolaridade e muitas vezes a maneira que se expressam é considerada feia, errada e que denota inferioridade.

Já a variação estilística está relacionada à maneira do falante se posicionar em diferentes situações de comunicação, enquanto que a informalidade refere-se as situações de conversas cotidianas em que não é cobrada o uso formal da língua, já as ocasiões de formalidade lida com grau mais elaborado do uso da língua em situações mais complexas.

Contudo, é impressionante que apesar da diversidade linguística ser uma realidade concreta e natural, tantos preconceitos ainda estejam tão diretamente ligados a essas alterações.

Essa diversidade linguística, social e cultural precisa ser exposta para que se reconheça a necessidade de tratar as variedades linguísticas como objeto de ensino que formem cidadãos críticos capazes de reconhecer a riqueza que contém toda essa diversidade, para isso é preciso que a escola sirva de suporte para esse reconhecimento. Como aponta Bagno em mais uma de suas colocações:

A variação linguística tem que ser objeto de ensino da língua: uma educação linguística voltada para a construção da cidadania numa sociedade verdadeiramente democrática não pode desconsiderar que os modos de falar dos diferentes grupos sociais constituem elementos fundamentais da identidade cultural da comunidade e dos indivíduos particulares, e que denegrir ou condenar uma variedade linguística equivale a denegrir e condenar os seres humanos que a falam, como se fossem incapazes, deficientes ou menos inteligentes – é preciso mostrar em sala de aula e fora dela., que a língua varia tanto quanto a sociedade varia, que existem muitas maneiras de dizer a mesma coisa e que todas correspondem a usos diferenciados e eficazes dos recursos que o idioma oferece a seus falantes [...]. (BAGNO, 2009, p. 17).

A escola precisa manter essa postura e se conscientizar de que é preciso acolher a diversidade social, cultural e linguística, esclarecer em sala de aula que as variedades devem colaborar para a igualdade e não para segregar, que é o que acontece muitas vezes com a variedade prestigiada ou norma padrão.

3.1 A VARIEDADE PRESTIGIADA E OS APONTAMENTOS DOS PCN

Ao decorrer do trabalho identificamos algumas das maneiras que desencadeiam as variações linguísticas e vimos como ela é flexível e diversificada, que se adapta a diferentes tempos com particularidades próprias de cada uma.

As variações digamos, prestigiadas ou padronizadas de fazer uso da língua estão diretamente enraizadas a uma ideia que a norma padrão é a maneira certa de usar a língua, isso porque por muito tempo (e ainda acontece nos dias atuais), se enraizou a tradição de que a norma culta de falar dos pensadores e estudiosos eram as formas certas e que por isso deveriam ser seguidas.

No entanto sabemos que a sociedade é diversa, fluida e modificável assim como os seus falantes, segundo Bagno (2007, p. 73) “uma sociedade extremamente dinâmica e multifacetada só pode apresentar uma língua igualmente multifacetada.”

Apesar da heterogeneidade da língua ser um fato verídico, as variedades prestigiadas ainda são consideradas por muitos como a maneira absolutamente certa de fazer uso da língua portuguesa ao contrário da não padrão que muitas vezes são vistas como desvios da língua culta, feias e desprestigiadas, como aponta Neves (2011, p. 20) “no tratamento escolar, a variação não pode ser vista como defeito, desvio, e a mudança não pode ser tida como “degeneração”, “decadência”. Nem pode a heterogeneidade ser vista como recurso para atuações menos legítimas, “menores.” O não reconhecimento desses fatos desencadeiam o surgimento de um preconceito social que ainda é muito forte no nosso país, e como tal trazem malefícios que desiguala os falantes e empobrece a nossa cultura.

Esse preconceito acontece em diversas ocasiões sociais, porém é na escola que ela por muito tempo se sustentou, isso porque as escolas ensinavam a norma padrão como um código que deveria ser usado por todos os seus falantes, desprezando o contexto social das mudanças que ocorriam, elas eram divulgadoras dessa estigmatização, mudança essa que só ocorreu com o surgimento da linguística considerando a língua como meio social, diversificado e adaptável a situações de ocasionalidade, procurando enfatizar que uma não é melhor e nem pior do que a outra, ou que uma é certa e a outra é errada, mas que ambas ocorrem na língua e fazem parte dela.

Atualmente as escolas tem dado abertura para essa mudança de perspectiva ainda que essa alteração ocorra em algumas situações bem lentamente, é certo que já se pode ver as alterações acontecendo e um fator importantíssimo para essa alteração de paradigma sem dúvidas, foi a contribuição dos PCN (2000) ao retratarem sobre a variação linguística e apontarem essa temática como conteúdo a ser trabalhado em sala.

Sem dúvidas a abordagem da variação nos PCN (2000) é um fator determinante na mudança educacional. Um documento oficial que reconhece a variação linguística dos seus falantes como uma mudança que precisa ser objeto de estudo, pois compreendem que essa variação é parte integrante da sociedade. Em consequência dessa mudança, os livros didáticos passaram a abordar a outra parte da esfera linguística, reconhecendo a importância da norma padrão da língua, mas também reconhecendo a importância das suas variações.

A colocação dos PCN (2000) procura ponderar a importância dos dois lados da realidade linguística e a importância contextual de cada uma, de um lado a norma padrão que é parte dos seus falantes, na qual tem sua seriedade e atribuição em algumas situações, assim

como a não padrão, que também tem sua importância e dependerá da situação que estará inserida seu falante, ambas tem importância no meio social, por isso é de extrema necessidade que o ensino capacite seus alunos para reconhecer a necessidade de fazer uso das duas formas linguísticas, pois inseridos socialmente certamente estarão aptos a situações que será preciso dominar as duas formas da língua, e quando deparados com essas situações, possam reconhecer na língua uma ferramenta de inclusão, assim como aponta Bagno (2001, p. 60) “Sou a favor do ensino da norma-padrão para que os alunos oriundos das camadas sociais desfavorecidas (ou seja, a imensa maioria da população brasileira) possa ter como lutar com as mesmas armas dos alunos provindos das camadas privilegiadas.”

Os PCN (2000) buscam desenvolver no ensino médio uma educação voltada para o desenvolvimento de um aluno inserido e contextualizado nas mais variadas manifestações sociais. Procuram contribuir para que os conteúdos desencadeiem nos alunos um olhar crítico sobre a sociedade que os envolvem, como o documento nos aponta nesse trecho:

O tratamento contextualizado do conhecimento é o recurso que a escola tem para retirar o aluno da condição de espectador passivo. Se bem trabalhado permite que, ao longo da transposição didática, o conteúdo do ensino provoque aprendizagens significativas que mobilizem o aluno e estabeleçam entre ele e o objeto do conhecimento uma relação de reciprocidade. A contextualização evoca por isso áreas, âmbitos ou dimensões presentes na vida pessoal, social e cultural, e mobiliza competências cognitivas já adquiridas. As dimensões de vida ou contextos valorizados explicitamente pela LDB são o trabalho e a cidadania. As competências estão indicadas quando a lei prevê um ensino que facilite a ponte entre a teoria e a prática. (PCN, 2000, p. 78).

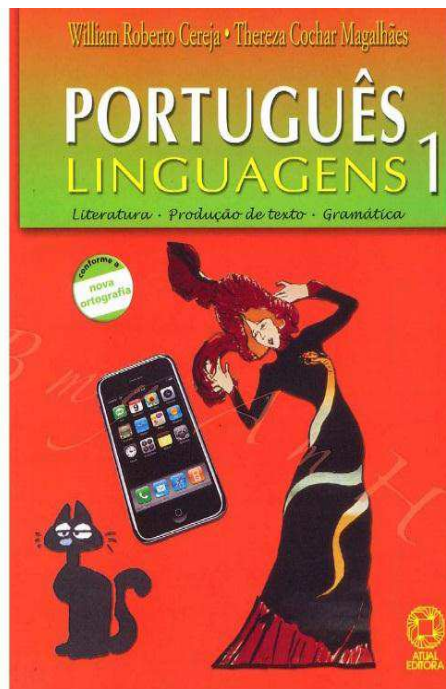
Contudo, a variação linguística é parte integrante do ser humano e está relacionada ao seu uso, por isso precisa estar contextualizada com o ensino, com o cuidado de dar subsídios ao aluno para desenvolver capacidades de uso e reconhecer a importância das variedades linguísticas sociais. O manual didático na maioria das vezes é o suporte para essa abordagem e precisa estar capacitado a embasar o aluno para o reconhecimento desses conteúdos. Esse embasamento é o que procuramos identificar no capítulo 4 na análise do livro didático.

4 ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO

Este capítulo busca analisar a abordagem sobre a variação linguística, especificamente no 3º capítulo do livro didático do 1º ano do ensino médio *Português e Linguagens 1*, de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães.

A pesquisa possui caráter bibliográfico, pois baseia-se nas teorias de diversos autores como Marcos Bagno, Alberto Faraco, Mário Perini, Helena Neves e Barbara Weedwood. A abordagem da pesquisa é qualitativa. O processo de análise é baseado no livro didático *Português e linguagens 1*, como mostra imagem a seguir:

Figura 1- Capa do livro Didático



Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

O critério da escolha desse manual didático para a nossa análise, foi o fato do livro ser bastante utilizado nas escolas públicas da região e por ser aprovado pelo Plano Nacional do Livro Didático (PNLD).

A organização estrutural do livro é dividida em quatro unidades, a primeira unidade comporta sete capítulos, a segunda nove capítulos, a terceira onze e a quarta também nove capítulos, inteirando um total de 336 páginas. Os autores iniciam cada capítulo com textos introdutórios, orais e escritos com variados gêneros textuais, o capítulo três que o capítulo da

nossa análise, é composto por seis páginas e traz alguns gêneros textuais na sua composição como: tirinhas, poemas, cartaz, cartum, publicidade e texto de humor.

Optamos por analisar o livro didático do aluno, buscando voltar o nosso olhar para a maneira que o manual didático retrata a variação linguística diretamente para os educandos. A categoria da análise no livro didático é a variação linguística onde buscamos identificar:

- O Livro Didático (LD) do 1º ano do ensino médio: *Português e linguagens 1*, de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães aborda a variação linguística? Se sim, como fazem essa abordagem?
- A forma que o livro retrata o tema considera as variações sociais de maneira ampla e contextualizada?

Em busca dessas respostas, iniciaremos agora a análise do livro didático.

Figura 2 – Construindo o conceito

*Língua:
uso e reflexão*

CAPÍTULO 3 Linguagem, comunicação e interação

Construindo o conceito

Você conhece Mafalda? Ela é personagem de Quino, cartunista e quadrinista argentino. Leia esta tira com a personagem:


(Quino. *Mafalda*. São Paulo: Martins Fontes, 1998. v. 2, p. 25.)

1. A mãe de Mafalda encontra uma amiga na rua. Observe as falas e os gestos da mulher nos dois primeiros quadrinhos. O que sugerem expressões como *filhinha*, *gracinha*, *querida* e *meu bem*? E os gestos da mulher em relação a Mafalda?
2. A mulher faz uma pergunta a Mafalda.
 - a) O que expressa o gesto de Mafalda no 3º quadrinho?
 - b) Por que a resposta de Mafalda surpreende a mulher?
3. Quando duas pessoas se comunicam, elas levam em conta não apenas o que é dito, mas também outros elementos da situação. Tais elementos são, por exemplo, o contexto, quem fala e com quem se fala, a imagem de si própria que cada uma das pessoas tem ou deseja transmitir para a outra, etc. Esses vários elementos da situação fazem parte do jogo social da linguagem.
 - a) Que tipo de imagem de si mesma a mulher deseja transmitir para Mafalda e sua mãe? Justifique sua resposta.
 - b) Ao se comunicar com Mafalda, que imagem ela parece fazer da menina e das crianças em geral?
 - c) E Mafalda? Ela está disposta a participar do tipo de jogo social da linguagem iniciado pela mulher? Por quê?

Fonte: Cereja e Thereza. Português e linguagens 1. São Paulo. 2010.

Inicialmente, pontuamos que o livro adotado aborda a variação linguística. Os autores iniciam o capítulo com o título introdutório *língua: uso e reflexão, Linguagem, comunicação e interação* contextualizando essas palavras como fatores característicos da variedade linguística. A tirinha a seguir do cartunista Quino, expõe um diálogo da personagem Mafalda com outras duas personagens, no diálogo os autores buscam trabalhar a questão da forma padrão e forma não padrão, próprias da comunicação, na sequência introduzem uma atividade de interpretação de texto chamado por eles de *construindo o conceito*, buscando levar o aluno a identificar a norma padrão e norma não padrão, e construir um conceito a partir da interpretação do texto.

Figura 3 - linguagem verbal e não verbal



Conceituando

Na situação retratada na tira, as personagens se comunicam e interagem entre si, ou seja, o que uma diz acaba provocando uma reação na outra, e vice-versa. A pergunta e os gestos da amiga da mãe de Mafalda, por exemplo, provocam uma reação na menina, que responde com outra pergunta.

Assim:

A comunicação ocorre quando interagimos com outras pessoas utilizando linguagem.

Para se comunicar, as personagens da tira não utilizam apenas as palavras. Elas sorriem, gesticulam, fazem expressões corporais e faciais. Tudo isso – palavras, gestos, expressões corporais e faciais – é linguagem.

Linguagem é um processo comunicativo pelo qual as pessoas interagem entre si.

Linguagem verbal e linguagem não verbal

Além da **linguagem verbal**, cuja unidade básica é a palavra (falada ou escrita), existem também as **linguagens não verbais**, como a música, a dança, a mímica, a pintura, a fotografia, a escultura, etc., que possuem outros tipos de unidade – o gesto, o movimento, a imagem, etc. Há, ainda, as **linguagens mistas**, como as histórias em quadrinhos, o cinema, o teatro e os programas de TV, que podem reunir diferentes linguagens, como o desenho, a palavra, o figurino, a música, o cenário, etc.

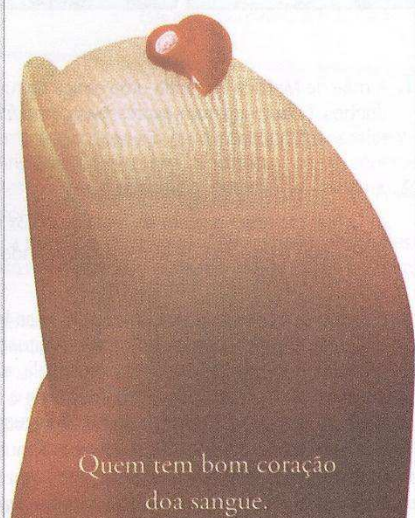
Mais recentemente, com o aparecimento da informática, surgiu também a **linguagem digital**, que permite armazenar e transmitir informações em meios eletrônicos.

Na tira lida, os participantes se *inter-relacionam e interagem* por meio da linguagem. A mulher, querendo ser amável com Mafalda e a mãe da garota, fala com a menina e faz alguns gestos, o que provoca uma reação em Mafalda. Assim, pode-se dizer que a comunicação nascida da interação entre essas pessoas foi construída solidariamente por elas, que são **interlocutores** no processo comunicativo.

Interlocutores são as pessoas que participam do processo de interação por meio da linguagem.

Aquele que produz a linguagem – aquele que fala, que pinta, que compõe uma música, que dança – é chamado de **locutor**, e aquele que recebe a linguagem é chamado de **locutário**. No processo de comunicação e interação, ambos são **interlocutores**.

Mostre que você tem bom coração:
seja um doador voluntário.



Quem tem bom coração
doa sangue.

Na capa deste manual de doação de sangue, é utilizada linguagem mista. A gota de sangue em forma de coração complementa e acentua visualmente a ideia de solidariedade (ter "bom coração") implícita no ato de doar.

Fonte: Cereja e Thereza. Português e linguagens 1. São Paulo. 2010.

A figura 3 aborda a linguagem, em que os autores citam a linguagem verbal e a linguagem não verbal, nas duas maneiras que a linguagem pode se apresentar na língua, e citam algumas linguagens que surgiram recentemente, como a linguagem digital, um exemplo da modificação da língua que se adapta a seus falantes. A imagem ao lado reforça a abordagem dos autores sobre os dois tipos de linguagens, verbais e não verbais, a imagem mostra o texto em que retrata os dois lados da linguagem, ambas unidas ao mesmo sentido comunicativo.

Figura 4 – Variação Linguística

As variedades linguísticas

Cada um de nós começa a aprender a língua em casa, em contato com a família e com as pessoas que nos cercam. Aos poucos vamos treinando nosso aparelho fonador (os lábios, a língua, os dentes, os maxilares, as cordas vocais) para produzir sons, que se transformam em palavras, em frases e em textos inteiros. E vamos nos apropriando do vocabulário e das leis combinatórias da língua, até nos tornarmos bons usuários dela, seja para falar ou ouvir, seja para escrever ou ler.

Em contato com outras pessoas, na rua, na escola, no trabalho, observamos que nem todos falam como nós. Isso ocorre por diferentes razões: porque a pessoa vem de outra região; por ser mais velha ou mais jovem; por possuir menor ou maior grau de escolaridade; por pertencer a grupo ou classe social diferente. Essas diferenças no uso da língua constituem as **variedades linguísticas**.

O “pãozinho francês” e suas variantes

Um bom exemplo de variação linguística é o modo como o pãozinho francês é conhecido em diferentes lugares:

Fábio R. Martins

Fonte: Revista Língua Portuguesa, nº 1.

Fonte: Cereja e Thereza. Português e linguagens 1. São Paulo. 2010.

A Figura 4, traz um conceito sobre a variação linguística, em um texto relativamente curto os autores assim definem:

Em contato com outras pessoas, na rua, na escola, no trabalho, observamos que nem todos falam como nós. Isso ocorre por diferentes razões: porque a pessoa vem de outra região; por ser mais velha ou mais jovem; por possuir menor ou maior grau de escolaridade; por pertencer a um grupo ou classe social diferente. Essas diferenças no uso da língua constituem as **variedades linguísticas**. (CEREJA e THEREZA, 2010, p. 39, grifo dos autores).

Os autores procuram pontuar os principais motivos das variações linguísticas, no qual consideram a regionalidade, a faixa etária, o grau de escolaridade e a variação social como as áreas que desencadeiam essas diferenças. Ao lado, abordam um texto complementar procurando exemplificar como acontece essa variação, por exemplo na maneira que diferentes

países e regiões reconhecem o pão francês, na figura um único elemento conhecido em várias localidades, é ao mesmo reconhecido linguisticamente de maneiras diferentes.

Figura 5 – Variedades linguísticas: padrão e não padrão

Variedades linguísticas são as variações que uma língua apresenta, de acordo com as condições sociais, culturais, regionais e históricas em que é utilizada.

Entre as variedades da língua, existe uma que tem maior prestígio: a **variedade padrão**. Também conhecida como **língua padrão** e **norma culta**, essa variedade é utilizada na maior parte dos livros, jornais e revistas, em alguns programas de televisão, nos livros científicos e didáticos e é ensinada na escola. As demais variedades linguísticas — como a regional, a gíria, o jargão de grupos ou profissões (a linguagem dos policiais, dos jogadores de futebol, dos metalheiros, dos surfistas, etc.) — são chamadas genericamente de **variedades não padrão**.

Onde se fala melhor o português no Brasil?

Você já deve ter ouvido esse tipo de pergunta. E também respostas como “no Maranhão”, “no Rio de Janeiro”, “no Rio Grande do Sul”, justificadas por motivos históricos, sociais, culturais. Porém, de acordo com a visão moderna de língua, não existe um modelo linguístico que deva ser seguido, nem mesmo o português lusitano.

Todas as variedades linguísticas regionais são perfeitamente adequadas à realidade em que surgiram. Em certos contextos, aliás, o uso de outra variedade, mesmo que seja a língua padrão, é que pode soar estranho e até não cumprir sua função essencial de comunicar.

Variedade padrão, língua padrão ou norma culta é a variedade linguística de maior prestígio social.

Variedades não padrão ou língua não padrão são todas as variedades linguísticas diferentes da padrão.

Apesar de haver muitos preconceitos sociais em relação a variedades não padrão, todas elas são válidas e têm valor nos grupos ou nas comunidades em que são usadas. Contudo, em situações sociais que exigem maior formalidade — por exemplo, uma entrevista para obter emprego, um requerimento, uma carta dirigida a um jornal ou uma revista, uma exposição pública, uma redação num concurso público —, a variedade linguística exigida quase sempre é a padrão. Por isso é importante dominá-la bem.


A língua padrão e a escola

Alguma vez você já se sentiu inferiorizado pelo modo como fala? Se sim, saiba que esse sentimento é normal. Isso geralmente ocorre quando nosso interlocutor é uma pessoa mais instruída do que nós e, por isso, tem maior domínio da variedade padrão.

A escola, ao assumir o compromisso de ensinar a variedade padrão, não tem em vista eliminar a língua que o aluno traz de casa, mas prepará-lo para se comunicar com segurança e competência, independentemente de sua origem social.

A língua como expressão de uma identidade grupal

Você já percebeu como as pessoas de um grupo tendem a falar de modo semelhante? Quando há identificação entre as pessoas de um grupo, todas tendem a usar uma linguagem mais ou menos comum ao grupo, com vocabulário, expressões e gírias próprias. Claro que outros fatores, como as roupas, o corte do cabelo, o gosto musical, etc., também interferem, mas a língua é um dos critérios de aceitação ou rejeição de uma pessoa em uma “tribo”.



(Folha de S. Paulo, 27/2/2002.)

A forma de cumprimento (“Ai, Orelha”) e o emprego de expressões como “minas da pesada”, “sangue bom”, “a maior moral”, ao mesmo tempo que tornam o diálogo mais informal, aproximam os interlocutores e os fazem sentir-se parte integrante de um mesmo grupo social.

Fonte: Cereja e Thereza. Português e linguagens 1. São Paulo. 2010.

Na Figura 5, Cereja e Thereza nos mostram a continuação dos assuntos inter-relacionados com variação linguística, expandindo o leque de possibilidades que constituem a variação. A figura retrata assuntos como a variedade padrão/língua padrão, e variantes não padrão/língua não padrão. Nessa página os autores buscam chamar a atenção do aluno que a variedade não padrão pode desenvolver um preconceito social, como sintetizam “apesar de haver muitos preconceitos sociais em relação a variedades não padrão, todas elas são válidas e tem valor nos grupos ou nas comunidades em que são usadas.”

A tirinha exposta logo em seguida, mostra o uso coloquial da língua não padrão, como expressão de uma determinada identidade grupal, mostrando que o uso não padrão da língua é usada em situações não formais. Os autores tiveram um cuidado em expor essa situação comunicacional, exatamente por se tratar de um preconceito que é direcionado a maneira que os jovens se expressam linguisticamente. No texto auxiliar ao lado, os autores esclarecem o ato de não haver um lugar próprio onde se fala melhor a língua, pois algumas regiões são dogmatizadas pelo forma de usar a variação dialetal, como nos mostram nesse trecho “Todas as variedades linguísticas regionais são perfeitamente adequadas à realidade em que surgiram.” (CEREJA & THEREZA, 2010, p. 40).

Ao lado expõem um texto chamando a atenção para o posicionando que a escola deveria ter sobre o ensino da língua padrão, com o compromisso não de excluir o uso coloquial do aluno, mas de ensinar a norma padrão como ferramenta de preparo para que o aluno esteja apto para agir em situações formais de comunicação.

Figura 6 – Dialetos e registros

Dialetos e registros

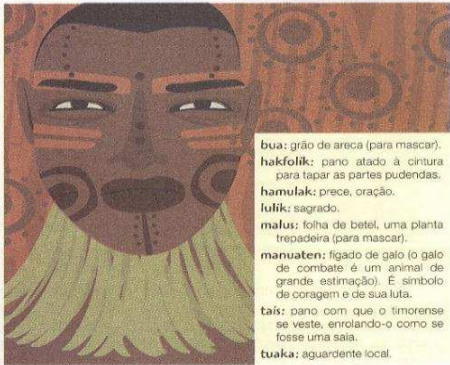
Há dois tipos básicos de variação linguística: os dialetos e os registros. Os **dialetos** são variedades originadas das diferenças de região ou território, de idade, de sexo, de classes ou grupos sociais e da própria evolução histórica da língua. Nos poemas medievais, que você vai começar a estudar na unidade 2, temos exemplos de variação histórica. Já no texto que segue, escrito pelo poeta Xanana Gusmão, do Timor Leste (Oceania), temos um exemplo de variação territorial, já que o poema, apesar de ter sido escrito em língua portuguesa, apresenta também vocábulos do tétum, língua nativa.

Poema

Pisaste um dia a terra descalça do “bua” e do “malus”,
paraste um dia à sombra da casa alta
estranhando o “tuaka”
e reparaste no seu dono
cobrindo com a nudez do seu “hakfolik”
a campa dos antepassados.

Miraste o seu suor tórrido
lavando as faces do seu rosto sujo;
ouveste ainda o seu “hamulak”
entoando em “tais” do seu “lulik”
e respeitaste o “manuaten”
[...]

(Revista do Centro de Estudos Portugueses, São Paulo: Universidade de São Paulo, nº 1, p. 43-4, 1998. Glossário de Nery Nice Biancalano Reiner.)



bua: grão de areca (para mascar).
hakfolik: pano atado à cintura para tapar as partes pudendas.
hamulak: prece, oração.
lulik: sagrado.
malus: folha de betel, uma planta trepadeira (para mascar).
manuaten: fígado de galo (o galo de combate é um animal de grande estimação). É símbolo de coragem e de sua luta.
tais: pano com que o timorense se veste, enrolando-o como se fosse uma saia.
tuaka: aguardente local.

Tratando da chegada do colonizador ao Timor Leste e do choque de culturas advindo da colonização, o poeta cria o poema com uma variação de língua portuguesa que só é possível e só faz sentido em seu país.

As **variações de registro** ocorrem de acordo com o grau de formalismo existente na situação; com o modo de expressão, isto é, se se trata de um registro oral ou escrito; com a sintonia entre os interlocutores, que envolve aspectos como graus de cortesia, deferência, tecnicidade (domínio de um vocabulário específico de algum setor científico, por exemplo), etc.

Observe as diferenças que geralmente existem entre as modalidades falada e escrita da língua:

Fala	Escrita
1. não planejada	1. planejada
2. fragmentária	2. não fragmentária
3. incompleta	3. completa
4. pouco elaborada	4. elaborada
5. predominância de frases curtas, simples ou coordenadas	5. predominância de frases complexas, com subordinação abundante
6. pouco uso de passivas	6. emprego frequente de passivas

Níveis de formalismo

Há vários tipos de registro quanto ao formalismo. Conheça os dois mais importantes:

Formal: linguagem cuidada, na variedade culta e padrão. É o caso da escrita dos bons jornais e revistas.

Coloquial: aparece no diálogo entre duas pessoas. Sem planejamento prévio, caracteriza-se por construções gramaticais soltas, repetições frequentes, frases curtas, conectivos simples, etc.

Fonte: Luiz Carlos Travaglia. *Gramática e interação*. São Paulo: Cortez, 1996. p. 55.

(Ingedore G. Villaca Koch. *A interação pela linguagem*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 1997. p. 68.)

Fonte: Cereja e Thereza. Português e linguagens 1. São Paulo. 2010.

Na Figura 6, os dialetos e os registros são abordados. Aqui a situação comunicacional de uso formal e coloquial são expostos. Os dialetos como linguagem usada em variadas regiões com sua característica própria, mostrando a maneira diferente que fazemos de um mesmo idioma que resulta na variação linguística e que precisa ser reconhecida como tal. O poema abordado pelos autores é um exemplo dessa variação territorial. O registro, outra forma de variação, é explicitada pelos autores como a forma que fazemos da língua em situações formais e em situações informais que dependerá da situação que o indivíduo estará inserido, ou seja, em situações formais a ocasião exigirá um cuidado maior no uso da forma padrão e em situações de informalidade essa exigência não será estabelecida. O quadro exposto mostra a diferença dessas situações na fala e na escrita.

Figura 7 – Atividade 1

2. Leia o trecho de uma carta de amor escrita por Olavo Bilac, poeta brasileiro que viveu entre o final do século XIX e o início do século XX.


Excelentíssima Senhora. Creio que esta carta não poderá absolutamente surpreendê-la. Deve ser esperada. Porque V. Excia. compreendeu com certeza que, depois de tanta súplica desprezada sem piedade, eu não podia continuar a sofrer o seu desprezo. Dizem que V. Excia. me ama. *Dizem*, porque da boca de V. Excia. nunca me foi dado ouvir essa declaração. Como, porém, se compreende que, amando-me V. Excia., nunca tivesse para mim a menor palavra afetuosa, o mais insignificante carinho, o mais simples olhar comovido? Inúmeras vezes lhe pedi humildemente uma palavra de consolo. Nunca a obtive, porque V. Excia. ou ficava calada ou me respondia com uma ironia cruel. Não posso compreendê-la: perdi toda a esperança de ser amado. Separemo-nos. [...]



Emile Munier, Carta de amor.

a) Caracterize a variedade linguística e o grau de formalismo empregados pelo autor do texto.
b) Olavo Bilac viveu no final do século XIX e início do século XX. O texto é um bom exemplo de como as declarações amorosas eram feitas na época, nesse tipo de variedade linguística. Colocando-se no lugar do poeta, reescreva o texto, mantendo o conteúdo mas empregando uma variedade linguística que seria comum entre dois jovens nos dias de hoje. Ao concluir o texto, leia-o para a classe.

3. A variação linguística às vezes nos surpreende, pois nos transmite a sensação de que se trata de uma língua completamente diferente daquela da qual é apenas uma variante. O texto a seguir é um bom exemplo da variação territorial. Pertence à obra *O trabalho é sagrado*, de Henrique Nicolau, e foi escrito em português lusitano. O desafio da "tradução" foi lançado por Roldão Simas Filho na revista *Língua Portuguesa*, na edição nº 5. Junte-se a um colega e aceitem o desafio, "traduzindo" o texto para o português brasileiro.



Bairro do Chiado.

O chefe estava bera comigo, já há uns dias que não punha os butes na redacção e ele não andava em maré de me apagar mais golpadas. Verdade seja que não era costume baldar-me muito, mas uma coisa é o que nós pensamos, outra o que os outros pensam, sobretudo quando os outros fazem parte dessa espécie que responde à palavra chefe. Ia a subir o Chiado a morder com os botões e a manejar a cabeça o mais ou menos perícia, a ver como me havia de livrar do certo raspanete. Era pior do que uma ressaca de licores com algumas cervejolas pelo meio. Pensava ir a uma bica na Brasileira, para animar os ânimos e entusiasmar a polémica que, de certeza, certinha, era fatal, lá tinha de ser, estava à minha espera. Com uma tão bela manhã era chato não estar muito virado para o apreciar.


Chiado: um dos bairros de Lisboa, Portugal.
Brasileira: café (bar e restaurante) do Chiado, que ficou famoso por ter sido frequentado pelo escritor Fernando Pessoa.

Fonte: Cereja e Thereza. Português e linguagens 1. São Paulo. 2010.

Com base na Figura 7, podemos perceber que os autores abordam uma atividade com bases em textos que exemplificam a variação linguística. Na questão 2 a variação é tida no processo de mudança que ocorre ao longo do tempo, o poema escrito no século XIX é base para a proposta que se segue. Na letra a) os autores levam os alunos a reconhecerem no poema as mudanças que ocorreram com a escrita do século XIX, com a escrita atual, tendo o texto como base os alunos podem identificar essa diferença, conscientes dessa transformação, na letra b) os autores propõem que os alunos transcrevam o poema para uso coloquial dos dias atuais, para que reconheçam as mudanças que ocorreram.

A questão 3 traz uma proposta que é parecida com a questão 2, aqui os autores propõem um desafio de tradução de um texto do português lusitano para o português brasileiro, novamente buscando que os alunos identifiquem essa mudança recorrente do tempo.

Figura 8 – Atividade 2

 **As variedades linguísticas na construção do texto**

O texto de humor que segue foi veiculado na Internet. Leia-o e responda às questões propostas.

Assaltante nordestino
— Ei, bichim... Isso é um assalto... Arriba os braços e num se bula nem faça muganga... Arrebola o dinheiro no mato e não faça pantim se não enfiar a peixeira no teu bucho e boto teu fato pra fora! Perdão, meu Padim Ciço, mas é que eu tô com uma fome da moléstia...







Assaltante mineiro
— Ô, só, prestação... Isso é um assalto, uai... Levanta os braços e fica quieto que esse trem na minha mão tá cheio de bala... Mió passá logo os trocado que eu num tô bão hoje. Vai andando, uai! Tá esperando o quê, uai!!

Assaltante gaúcho
— Ô, guri, fica atento... Bah, isso é um assalto... Levanta os braços e te aquieta, tchê! Não tentes nada e cuidado que esse facão corta uma barbaridade, tchê. Passa as pilas pra cá! E te manda a la cria, senão o quarenta e quatro fala.

Assaltante carioca
— Seguinte, bicho... Tu te deu mal. Isso é um assalto. Passa a grana e levanta os braços, rapá... Não fica de bobeira que eu atiro bem pra... Vai andando e, se olhar pra trás, vira presunto...

Assaltante baiano
— Ô, meu rei... (longa pausa) Isso é um assalto... (longa pausa). Levanta os braços, mas não se avexe não... (longa pausa). Se num quiser nem precisa levantar, pra num ficar cansado... Vai passando a grana, bem devagarinho... (longa pausa). Num repara se o berro está sem bala, mas é pra não ficar muito pesado... Não esquenta, meu irmãozinho (longa pausa). Vou deixar teus documentos na encruzilhada...

Assaltante paulista
— Orra, meu... Isso é um assalto, meu... Alevanta os braços, meu... Passa a grana logo, meu... Mais rápido, meu, que eu ainda preciso pegar a bilheteria aberta pra comprar o ingresso do jogo do Corinthians, meu... Pô, se manda, meu...

1. O texto retrata várias cenas de assalto, cada uma delas situada em um Estado ou região diferente do país. A fala do assaltante tem sempre o mesmo conteúdo, enquanto o uso da linguagem e o modo como o assalto é conduzido mudam de uma situação para outra. Identifique em cada uma das cenas duas palavras ou expressões próprias do:

a) nordestino; d) carioca;
b) mineiro; e) baiano;
c) gaúcho; f) paulista.

2. Além da linguagem, o texto também revela comportamentos ou hábitos que supostamente caracterizam o povo de diferentes Estados ou regiões. O que caracteriza, por exemplo:

a) o nordestino? b) o baiano? c) o paulista?

A Figura 8, na proposta da atividade os autores utilizam de um texto humorístico em que a variação é retratada de uma forma bem humorada ao mostrar a distinção entre a fala de assaltantes de diferentes lugares. Esse recurso humorístico utilizado busca chamar atenção dos alunos para que observem que a fala varia em localidades diferentes e que apesar de existir situações em comum, as variedades então presentes, como mostra o exemplo do texto. No desenvolvimento da proposta da atividade, a questão 1 conduz o aluno a reconhecer as características próprias das variantes expostas no texto, com palavras e expressões que levam a identificar essa diferença. Assim como a questão 2, leva o estudante a contextualizar a linguagem com comportamentos que são próprios de cada região do país.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A linguagem é um campo fecundo, flexível e transforma-se a todo momento na medida que transformam-se seus falantes é o que acontece com a língua desde sempre e é o que certamente acontecerá futuramente. A linguística como ciência possibilitou a abertura para o estudo da língua no seu aspecto interacional, coisa que não era considerada na antiguidade. Essa modificação permitiu considerar as variedades linguísticas como algo que é própria do ser humano. Sendo assim, essa temática precisa estar em foco em sala de aula já que não dá para deixar de trabalhar um fator real e social como a modificação linguística e o manual didático é essa fonte direta de interação entre sociedade e ensino, no qual muitas vezes é o único suporte de transmissão de conteúdos que os professores adotam. Quando resolvemos seguir a linha de pesquisa da análise de um manual didático reconhecemos a importância de voltar um olhar crítico sobre esse material que muitas vezes por trazer o selo da aprovação do PNLD são adotados sem uma análise profunda por parte dos docentes.

De acordo com nossa investigação, chegamos ao resultado que o livro *Português e linguagens 1* aborda a variação linguística de maneira satisfatória, retratam questões que desencadearam as mudanças da linguagem, ao mesmo tempo que mostram a importância de trabalhar em sala de aula a variação linguística, porém, notamos que há uma limitação na quantidade de atividades, o que não consideramos um fator prejudicial, na medida que as atividades expostas buscam contextualizar o aluno a situação que estar inserido. Os autores procuram apontar a importância da variação linguística e fazem isso contextualizando as diversas formas que a variação ocorre na nossa sociedade.

A pesquisa atendeu aos objetivos gerais e específicos do trabalho, pois descobrimos o tratamento dado sobre a variação linguística e reconhecemos que a abordagem sobre o assunto é bastante ampla e contextual.

Nesse contexto, esse estudo visou a importância de uma pesquisa baseada análise, ampliou a compreensão sobre o tema, desenvolveu um olhar crítico e mostrou resultados daquilo que se buscou analisar.

Contudo, consideramos satisfatória a metodologia usada para a realização desse estudo pois mostrou os caminhos para que se chegasse até os seus resultados. Ressaltamos a importância das consultas bibliográficas, pois com as suas contribuições desenvolvemos os critérios da análise do trabalho.

Após todo o processo que passou a pesquisa, nos posicionamos dizendo que consideramos importantíssimo a abordagem sobre a variação linguística em sala de aula uma

vez que não dá para descontextualizar um tema que faz parte de cada ser humano e estar presente por toda parte.

Assim, esperamos que essa pesquisa contribua para reflexões sobre a importância de considerar as estratégias didático-pedagógicas sobre a linguística em sala de aula tanto para professores como para alunos, embora não seja uma discussão concluída, ainda mais quando se trata da língua que segue seu próprio percurso.

REFERÊNCIAS

- BAGNO, Marcos. **A norma oculta: língua e poder na sociedade brasileira**. 1. ed. São Paulo. Parábola editorial, 2003.
- _____. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo. Parábola editorial. 2007.
- _____. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. 49. ed. São Paulo: Edição Loyola, 1999.
- _____. **Português ou brasileiro? um convite à pesquisa**. São Paulo. Parábola editorial, 2001.
- PERINI, Mário Alberto. **A língua do Brasil amanhã e outros mistérios**. São Paulo. Parábola editorial, 2004
- FARACO, Carlos Alberto. **Norma culta Brasileira, desatando alguns nós**. 2. ed. São Paulo. Parábola, 2008.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio - Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 2000.
- NEVES, Maria Helena de Moura. **Que gramática estudar na escola? Norma e uso na Língua Portuguesa**. 4. ed. São Paulo. Contexto, 2011.
- _____. **Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas**. 1. ed. São Paulo. Parábola editorial, 2006.
- WEENDWOOD, Barbara. **História concisa da linguística**. São Paulo. Parábola editorial, 2002.
- WILLIAN Roberto Cereja, THEREZA Cochar Magalhães. **Português e linguagens 1**. 7.ed. São Paulo. Saraiva, 2010.